

UMA LEITURA FREUDIANA SOBRE A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE AO DESEJO DE MOTE EM MACUNAÍMA, DE MÁRIO DE ANDRADE

Yolanda Maria da Silva
(Graduada pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade, tendo como aporte teórico Sigmund Freud (1987; 1980). De acordo com S. Freud, o desenvolvimento da sexualidade de um indivíduo se divide em três etapas chamadas de fase oral, fase anal e, por último, a fase genital. Munidos dessas informações, observaremos esse percurso na trajetória de Macunaíma, tendo um atento olhar à intensidade da libido da personagem. A investigação deste trabalho se deve a conduta sexual desmedido de Macunaíma que, ao tentar saciá-la, constrói uma narrativa que oscila entre o primitivo e o civilizado, dando-nos uma visão panorâmica do comportamento humano no que se refere aos seus anseios sexuais, pulsão de vida e instinto de morte causado pela castração e perdas de objetos amados.

Palavras - chave: Macunaíma, libido, Sexualidade.

UMA LEITURA FREUDIANA SOBRE A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE AO DESEJO DE MOTE EM MACUNAÍMA, DE MÁRIO DE ANDRADE

Yolanda Maria da Silva
(Graduada pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB)

Introdução

A psicanálise tem sua origem com os estudos de Josef Breuer, que praticava a hipnose no intuito de fazer com que os pacientes expurgassem as lembranças traumáticas do passado, conseguindo, por meio desse método, aliviar e até acabar com os sintomas das neuroses. Sigmund Freud parte dos conhecimentos adquiridos com o método catártico de Breuer e inicia a livre associação das lembranças dos pacientes com os sonhos dos mesmos, a partir destes sonhos, iniciava o tratamento, fazendo o paciente refletir conscientemente sobre seus traumas e repressões infantis.

Porém, para compreendermos a teoria freudiana, é necessário entendermos que os problemas neuróticos começam desde o início da infância. Na verdade, surgem a partir do momento em que a libido é reprimida e subjugada propositadamente pelo mecanismo social de castração, assim, os sintomas neuróticos se iniciam e acompanham a vida adulta. A libido, por sua vez, é uma pulsão sexual que impele o ser humano a ativar certas zonas erógenas que lhe proporcionam prazer. Essa energia é comparada por Freud a fome e tem como função perpetuar a espécie humana.

A libido acompanha a criança desde seu nascimento, porém, devido à repressão, essa busca de prazer inerente é maculada e a criança vai escondendo seu desejo. Mas, com o desenvolvimento das fases do corpo, essa energia se fortalece. As fases do desenvolvimento da sexualidade são divididas por Freud em três fases:

Numa primeira fase, muito precoce, o erotismo oral fica em primeiro plano; uma segunda dessas organizações “pré-genitais” caracteriza-se pela predominância do sadismo e do erotismo anal; somente numa terceira parte (desenvolvida na criança apenas até a primazia do falo) é que a vida sexual passa a ser determinada pela contribuição das zonas genitais propriamente ditas (FREUD, 1980, p. 143-144).

A zona oral, também chamada por Freud de “chuchar” se desenvolve com a amamentação da criança que toma o peito para se alimentar, mas ao estimular a cavidade bucal, tornando-a numa zona erógena de prazer. Essa atividade de mera busca de sobrevivência pela alimentação passa a ter a função de proporcionar prazer pelo próprio prazer. Então essa fase pode acompanhar a criança até a idade adulta. Nas palavras de S. Freud:

O chuchar, que já aparece no lactante e pode continuar até a maturidade ou persistir por toda a vida, consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição (FREUD, 1980, p. 110).

Após a fase oral se inicia a fase anal que é a percepção de que, ao prender as fezes, há uma estimulação física do ânus, fazendo a criança sentir prazer sexual, estimulando a zona erógena anal. Por último, apresenta-se na criança a fase genital que é o momento em que os órgãos sexuais estão formados e prontos para sentir a estimulação de prazer proporcionado de início pela secreção, posteriormente, pela fricção da relação sexual. É na fase genital que a criança começa a projetar o seu “desejo sexual” em um “objeto sexual” exterior, dando início à vida sexual adulta.

1.1. Acerca da relação sexual do indivíduo com o objeto sexual

A relação de um indivíduo com um objeto sexual é marcada pela necessidade que o ser humano sente de saciar o desejo sexual denominado de libido. Este é tão forte que podemos levá-lo, no dizer do autor, “a analogia com a pulsão de nutrição: a fome” (FREUD, 1980, p. 84). O objetivo dessa relação é a descarga dessa pulsão sexual. Para a descarga, é necessário “introduzirmos aqui dois termos: chamemos de objeto sexual a pessoa de quem provém a atração sexual, e de alvo sexual a ação para a qual a pulsão impele” (FREUD, 1980, p. 84). O alvo sexual vai do coito em si, como a contemplação do objeto sexual, supervalorizando-o. Sobre isso afirma Freud (1980, p. 93):

A mesma supervalorização irradia-se pelo campo psíquico e se manifesta como uma cegueira lógica (enfraquecendo o juízo) perante as realizações anímicas e as perfeições do objeto sexual, e também como submissão crédula aos juízos dele provenientes. Assim é que a credulidade do amor passa a ser uma fonte importante, se não a fonte originária da autoridade.

A restrição à relação sexual entre o indivíduo e objeto sexual pode acarretar certos distúrbios que vêm a complicar a harmonia da interação entre os corpos, ocasionando as perversões sexuais. Como o fetichismo, por exemplo, que “resulta dos casos em que o objeto sexual normal é substituído por outro que guarda certa relação com ele, mas que é totalmente imprópria para servir ao alvo sexual normal” (FREUD, 1980, p. 94). Essa substituição pode ocorrer por causa da impossibilidade da relação ou pode ser uma patologia que faz o indivíduo sentir prazer nessa condição anormal. Também inserimos nesses casos patológicos de perversão o sadismo e o masoquismo. Nesse caso, a relação entre o indivíduo e o objeto sexual é permeada pelo prazer da dor, seja o prazer de ocasionar dor que ocorre no primeiro caso, seja o prazer de sentir dor que consiste no segundo caso.

Quando, por algum motivo, o indivíduo perde o objeto amado, acontece o que Freud chama de luto e melancolia. “O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante (FREUD, 1980, p. 142)”. Nessa condição, o mundo externo, sem o objeto amado, perde todo o interesse para o indivíduo, mas esse desinteresse não adentra no ego do mesmo. Ao contrário da melancolia, que é um estado mais problemático do ponto de vista patológico. Além dos sintomas do luto, acrescenta-se a melancolia a degradação do ego e a baixa estima do indivíduo que resume a nada diante do objeto perdido. “O paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido (FREUD, 1980, p. 144). Ao que parece, na melancolia, o indivíduo injeta ao ego o objeto sexual desejado e dentro de si o destrói de forma aterradora, mesmo que isso custe sua própria sobrevivência psíquica. Não é à toa que a melancolia tem sido um dos grandes aliciadores de suicídio.

1.2. Sobre o homem primitivo: comunidade social e práticas religiosas segundo os estudos de Sigmund Freud

De acordo com os estudos de Sigmund Freud: “A raça humana, se seguimos as autoridades no assunto, desenvolveu, no discurso das eras, três sistemas de pensamento – três grandes representações do universo: o animismo (ou mitológica), religioso e científico” (1980, p. 60). Cabe a nós, neste trabalho, determo-nos na fase animista e

suas características básicas para compreendermos o caráter da personagem analisada no corpus em questão.

O animismo é a fase em que o homem primitivo está em simbiose com a natureza. Surge no momento em que o homem questiona de forma embrionária, sobre os mistérios da vida como a morte e a fúria indomável da natureza. Sobre o animismo, afirma Freud (1980, p. 60): “O animismo é um sistema de pensamento. Ele não fornece simplesmente uma explicação de um fenômeno específico, mas permite-me apreender todo o universo como uma unidade isolada de um ponto de vista único”.

Dentro do animismo, o homem usa a feitiçaria e a magia como forma de domar a natureza e as forças adversas na natureza. Em uma espécie de representação ritualística da ideia das coisas que afligem a vida cotidiana do indivíduo. Isso é o que S. Freud chama de onipotência de pensamento do homem primitivo. A lógica desse mecanismo de pensamento é que “as coisas se tornam menos importantes do que as ideias das coisas: tudo que for feito às ideias das coisas inevitavelmente acontecerá também com as coisas” (1980, p. 65). Não é à toa que essa fase também é chamada de narcisista, porque coincide com a fase em que o homem tem como objetivo principal seu desejo e motiva todo sistema de pensamento e ações para a realização do mesmo. Narcisismo é a fase psíquica em que o indivíduo projeta os todos os desejos sexuais em si mesmo, amando a si mesmo de forma intensa, sem levar em consideração os objetos que estejam exteriores ao ego.

2. O desenvolvimento da vida sexual de Macunaíma

Sigmund Freud, como já fora dito, defende a teoria da libido que é “uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual” (FREUD, 1980, p. 133). Ao contrário do que se pensava a libido não é uma força que opera só na idade adulta, sua insurgência se inicia desde os primeiros dias de nascimento. Isso é possível porque na criança há uma dinâmica estimuladora de zonas erógenas que proporcionam prazer. Assim, o corpo da criança sendo estimulado é capaz de sentir prazer, mesmo que este seja inconsciente. S. Freud dividiu os estágios do desenvolvimento sexual da criança em oral, onde a zona erógena estimulada é a boca; a anal, onde a zona exógena estimulada é a mucosa retal e, por fim, há a fase genital (puberdade) que é o momento que os órgãos sexuais estão

desenvolvidos e a psique da criança tem condições de entrar em dialética com um objeto sexual exterior.

Na obra de Mário de Andrade, percebemos esse percurso sexual descrito por Freud ao analisarmos a personagem Macunaíma que, desde criança, possui um apetite sexual sem limites e vive em função de saciar seus desejos. Por causa desse comportamento, o herói tem como característica a preguiça, a libido desenfreada, o egoísmo e o narcisismo. Logo no início da narrativa, podemos perceber o estágio oral em Macunaíma, também chamado por Freud de fase do “chuchar”, em que a criança usa “a parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outra parte dele que esteja ao alcance até mesmo o dedão do pé são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção” (FREUD, 1980, p. 110). Essa é a fase egoísta, narcísica e auto-erótica por excelência da criança, é esse egoísmo em função do próprio prazer é descrito pelo narrador:

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si (sic) o incitavam a falar exclamava: _ Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada (...). Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de pexiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva (...). Nem bem teve seis anos deram água de chocalho pra ele e Macunaíma principiou falando como todos (ANDRADE, 1981 p. 9).

Deleitava-se na preguiça, divertia-se matando saúva e sempre que era cobrado afirmava a sua frase de efeito “Aí que preguiça”. Só havia duas forças que eram capazes de subjugar a preguiça de Macunaíma. Mesmo com sua preguiça declarada, ele saltava quando o negócio era adquirir dinheiro e saciar sua libido precoce desenfreada.

[...] Vivia deitado na rede mas se si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma danava pra ganhar vintém (...). E também despertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaiamus diz que habitando a água-doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos macho guspia na cara (ANDRADE, 1981 p. 9).

Como é característico na fase oral, o primeiro objeto a ser chuchado pela criança é a própria Mãe, pois é por meio do seio materno que a zona erógena bucal é estimulada sexualmente. Além disso, também se percebe o caráter narcísico e perverso de Macunaíma em relação a sua Mãe, como podemos ver no fragmento a seguir:

Quando ia dormir trepava no macuru pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras feias, imoralidades estrambóticas e dava patadas no ar (ANDRADE, 1981 p. 9).

Os sonhos, segundo S. Freud, são indicadores da vida psíquica do inconsciente, então, desde cedo se percebia as perversões e comportamentos da contra mão que seguia Macunaíma: “Então adormecia sonhando palavras feias, imoralidades estrambóticas e dava patadas no ar” (ANDRADE, 1981 p. 9). Por isso, as mulheres nos momentos de diálogo já vaticinavam o futuro que seria trilhado pelo herói sem caráter: “Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que espinho de pequeno que pica, de pequeno já traz a ponta” (ANDRADE, 1981 p. 9).

O egoísmo e o narcisismo de Macunaíma vão se mostrar cada vez mais na narrativa, ao passo que sua vida sexual vai sendo descrita. Estas características se apuram na fase anal de Macunaíma, que também é desenvolvida na mesma época que a genital. Esse processo duplo ocorre devido ao ato mágico que faz Macunaíma de criança se transforma em um “príncipe lindo”, com os órgãos genitais desenvolvidos e com capacidade de já projetar catexia libidinal em um objeto exterior.

Podemos inferir isso nos pautado que este é um texto literário onde a fantasia e o extraordinário pode ser possível e até plausível em se tratando de uma criação artística. Também, devemos lembrar que Macunaíma é um personagem que representa o homem primitivo, inserido na época do pensamento animista, onde, por meio de atos mágicos, vários fatores naturais e físicos são transpostos. Fatores estes que são transplantados em função do desejo narcísico de Macunaíma.

Macunaíma não respeita nada nem ninguém, sempre está assediando as mulheres que aparecem, e em especial, gostava de conquistar as companheiras de seu irmão Jiguê. A primeira a ser tomada por Macunaíma foi Sofará. O enredo do caso extraconjugal acontece quando o herói que ir brincar na mata, mas a Mãe não pode levá-lo, então, gentilmente, Sofará se oferece para ajudar, levando o “piar” preguiçoso nas costas e lá acontece que Macunaíma de menino ingênuo, transforma-se em um príncipe lindo que toma para si a mulher do próprio irmão. Podemos ler sobre isso no fragmento abaixo:

[...] E pediu pra nora, companheira de Jiguê que levasse o menino. A companheira de Jiguê era bem moça e chamava Sofará. Foi se aproximando resabiada porém desta vez Macunaíma ficou quieto sem botar as mãos na

graça de ninguém. A moça carregou o piá nas costas e foi até o pé aninga na beira do rio (ANDRADE, 1981 p. 10). [...] A moça botou Macunaíma na praia porém ele principiou choramingando, que tinha muita formiga!... e pediu pra Sofará que o levasse até o derrame do morro lá dentro do mato, a moça fez. Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas, tajáse trapoerabas da serrapalheira, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo. Andavam por lá muito (ANDRADE, 1981 p. 10).

À noite, após desfrutar da mulher do irmão, Macunaíma volta para casa já transformado em criança. Como lhe é peculiar, o “piá” volta nas costas da mulher, sem se preocupar com a condição de cansaço da companheira que desfrutou no meio do mato. “Quando voltaram pra maloca a moça parecia muito fadigada de tanto carregar piá nas costas. Era que o herói tinha brincado muito com ela (ANDRADE, 1981 p. 10)”. No outro dia, a Mãe novamente não pôde atender ao pedido do menino e Sofará repetiu seu trabalho, dando lugar a mais um dia de aventura amorosa:

[...] A velha não podia por causa do trabalho mas a companheira do Jiguê mui sonsa falou pra sogra que “estava as ordens”. E foi no mato com o piá nas costas (...) Quando o botou nos carurus e sororocas da serrapalheira, o pequeno foi crescendo foi crescendo e virou príncipe grande lindo. Falou pra Sofará esperar um bocadinho que já voltava pra brincarem e foi no bebedouro da anta armar um laço. Nem bem voltaram do passeio, tardinha, Jiguê já chegava também de prender a armadilha no rasto da anta (ANDRADE, 1981 p. 10).

No outro dia, Macunaíma pede aos irmãos uma “fibra de curauá” e levou ao “pai-de-terreiro que trançasse uma corda pra ele e assoprasse bem nela fumaça de petum” (ANDRADE, 1981 p. 10). Por esses meios, Macunaíma fez uma ótima casa, mas no momento da partilha a família decorou a parte nobre e deixou para Macunaíma as “tripas”. Esse comportamento de egoísmo da família fomentou em Macunaíma um pensamento de vingança que se expressou em um jogo perverso com Sofará e com a manipulação para que o irmão descobrisse que estava sendo traído. Na floresta, depois de brincarem normalmente, Macunaíma inicia um jogo sádico com Sofará e, de acordo com Freud, esta é a característica da fase anal. “O conceito de sadismo oscila, na linguagem corriqueira, desde uma atitude meramente ativa ou mesmo violenta para com o objeto sexual até uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição e maus-tratos a ele infligidos” (FREUD, 1980, p. 97). Sobre isso segue os fragmentos abaixo:

No outro dia pediu pra Sofará que levasse ele passear ficaram no mato até boca-da-noite. Nem bem o menino tocou no folhiço e virou príncipe fogoso. Brincaram. Depois de brincarem três feitas, correram mato fora fazendo festinhas de cotucar, fizeram a das cócegas, depois se enterraram na areia, depois se queimaram com fogo de palha, isso foram muitas festinhas (...).

Quando Sofara veio correndo, ele deu com o pau na cabeça dela. Fez uma brecha que a moça caiu torcendo de riso aos pés dele. Puxou-o por uma perna. Macunaíma gemia de gosto se agarrando no tronco gigante. Então a moça abocanhou o dedão do pé dele e engoliu. Macunaíma chorando de alegria tatuou o corpo dela com o sangue do pé (...). Macunaíma tomou com uma gusparada no peito, era a moça. Macuaníma principiou atirando pedras nela e quando feria, Sofará gritava de excitação tatuando o corpo dele em baixo com o sangue espirrado. Afinal uma pedra lascou o canto da boca e moeu três dentes. Ela pulou do galho e juque! tombou sentada na barriga do herói que a envolveu com o corpo todo, uivando de prazer. E brincando mais outra vez (ANDRADE, 1981 p. 11-12).

De objeto afligindo, Sofará reage aos “carinhos perversos” de Macunaíma e inicia-se o jogo sádico e masoquista. “A designação de ‘masoquismo’ abrange todas as atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual, a mais extrema das quais parece ser o condicionamento de dor física ou anímica advinda do objeto sexual” (FREUD, 1980, p. 97). O fato de ambos estarem felizes nessa condição de agressão mútua consiste no fato de que “quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual e também capaz de gozar, com prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais” (FREUD, 1980 p. 98).

O fato da brincadeira durar até a “boquinha da noite” e, também, a fadiga da moça causada pela perversa brincadeira, denunciou o caso amoroso ao mano Jiguê. Sabendo da traição, o irmão agride Macunaíma e dispensa a companheira Sofará. Jiguê expressa uma atitude sádica ou de agressão deliberada ao agredir Sofará por não ter executado as tarefas domésticas.

Depois de um tempo, Jiguê aparece com uma nova companheira chamada Iriqui que, novamente, é tomada por Macunaíma. Macunaíma usou a metamorfose para conquistar a bela jovem: primeiro se transformou em uma formiga para brincar com a jovem, mas Iriqui não era dada a meninices, então o herói se transforma em “urucum”, conquistando, assim, Iriqui que gostava de se pintar e usou a semente da planta para ficar bonita. Mais uma vez Macunaíma usa a esperteza e artificios mágicos para atrair a companheira do irmão Jiguê. Como Macunaíma já era homem, porque foi transformado pela “Cotia”, acaba se tornando o companheiro de Iriqui a contragosto do irmão. Acerca disso, podemos ler o fragmento abaixo:

[...] Macaunaíma ficou só com a companheira de Jiguê. Então ele virou na formiga quenquém e mordeu Iriqui pra fazer festa nela. Mas a moça atirou a quenquém longe. Então Macunaíma virou num pé de urucum. A linda Iriqui riu, colheu as sementes se faceirou toda pintando a cara e os distintivos. Ficou lindíssima. Então Macunaíma, de gostoso, virou gente outra vez e morou com a companheira de Jiguê (ANDRADE, 1981 p. 17).

Após a morte da Mãe, os irmãos decidem seguir viagem em direção à cidade. Os irmãos passam por uma transformação e em seguida, a próxima aventura e o encontro com Ci, a Mãe do Mato. Ao contrário das outras mulheres, Ci não se submete as artimanhas do nosso herói, por ser uma guerreira indomável. Mas com a ajuda dos irmãos, Macunaíma conquista a “cunha” e se torna Imperador do Mato-Virgem e, também, conquista a libido de Ci. Isso coincide com que Freud diz: “a sexualidade da maioria dos varões exibe uma mescla de *agressão*, de inclinação a subjugar, cuja importância biológica talvez resida na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de outra maneira que não mediante ao ato de cortejar” (FREUD, 1980, p. 97).

[...] Macunaíma escoteiro topou com uma cunha dormindo. Era Ci, Mãe do Mato. Logo viu pelo peito destro seco dela, que a moça fazia parte dessa tribo de mulheres sozinhas parando lá nas praias da lagoa Espelho da Lua, coada pelo Nhamundá. A cunha era linda com o corpo chupado pelos vícios, colorido com jenipapo (...). O herói se atirou por cima dela pra brincar. Ci não queria. Fez lança de flecha tridente enquanto Macunaíma puxava pajeú. Foi um pega remendo e por debaixo da copada reboavam os berros dos briguentos diminuindo de medo os corpos dos passarinhos. O herói apanhava. Recebera já um murro de fazer sangue no nariz e um lapo fundo de txara o rabo. A icamiaba não tinha nem um arranhãozinho e cada gesto que fazia era mais sangue no corpo dos passarinhos. Afinal se vendo nas amarelas porque não podia mesmo com a icamiaba, o herói deitou fugindo chamando pelos manos: - Me acudam que sinão eu mato! Me acudam que sinão eu mato!. Os manos vieram e agarraram Ci. Maanape tranço os braços dela por detrás enquanto Jiguê com o murucu lhe dava uma porrada no coco. E a icabiaba caiu sem auxílio nas samambaias da serrapilheira. Quando ficou bem imóvel, Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãe do Mato. Vieram muitas jandaias, muitas araras vermelhas tuins coricas periquitos, muitos papagaios saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem (ANDRADE, 1981 p. 19-20).

Em Ci, Macunaíma encontra a companheira perfeita e juntamente com os irmãos, seguem uma viagem a diversos lugares. Macunaíma continua com a sua ociosidade de viver na rede, enquanto a “Icabiama” saía para adquirir o sustento e guerrear. Como podemos ver no fragmento a seguir:

O herói vivia sossegado. Passava os dias marupiara na rede matando formigas, chupando golinhos estalados de pajuari e quando agarrava cantando acompanhado pelos sons gotejantes do cotcho, os matos reboavam com doçura adormecendo as cobras os carrapatos os mosquitos as formigas e os deuses ruins (ANDRADE, 1981 p. 20).

Macunaíma, à noite, tinha a função de amar Ci. A ânsia sexual da guerreira era indomável e insaciável a ponto do nosso herói não dar conta, mas as mandigas de Ci

sempre faziam o herói reagir. Vê-se que Macunaíma vive em função de saciar seus desejos sexuais e os de sua esposa, conquistando até o título de Imperador do Mato-Virgem por meio da proeza sexual.

De-noite Ci chagava rescendendo resina de pau, sagrando das brigas e trepava na rede que ela mesmo tecera com os fios do cabelo. Os dois brincavam e depois ficavam rindo um pro outro. Ficavam rindo muito tempo, bem juntos. Ci aromava tanto que Macunaíma tinha tonteiras de moleza. – Puxa! Como você cheira, benzinho! que ele murmurava gozado. E escancarava as narinas mais. Vinha uma tonteira tão macota que o sono principiava pingando das pálpebras dele. Porém a Mãe do Mato inda não estava satisfeita não e com um jeito de rede que enlaçava os dois convidava o companheiro pra mais brinquedo. Morto de soneira, infernizado, Macunaíma brincava para não desmentir a fama só, porém quando Ci queria ir com ele de satisfação: - Ai! que preguiça!... que o herói suspirava enfarado. E dando as costas pra ela adormecia bem. Mas Ci queria brincar ainda mais... Convidava a continuar... O herói ferrado no sono. Então a Mãe do Mato pegava na txara e cutucava o companheiro. Macunaíma se acordava dando grandes gargalhadas estorcegando de cócegas (ANDRADE, 1981 p. 20).

Nas noites em que o herói bebia e não conseguia satisfazer Ci, a estratégia da cunha era mais radical:

Então para animá-lo Ci empregava a estratagem sublime. Buscava no mato folhagem do fogo da urtiga e sapecava com ela uma coça coçadeira no Chuí do herói e na nalachitchi dela. Isso Macunaíma ficava que ficava um leão querendo. Ci também. E os dois brincavam que mais brincavam num deboche de ardor prodigioso (ANDRADE, 1981 p. 21)

O paraíso sexual de Macunaíma acaba com a ida de Ci para o céu: a morte simbólica na narrativa. Ci cai em um estado melancólico devido à morte do “piá” fruto do amor do casal. “E lá vive Ci agora nos trinques passeando, liberta das formigas, toda enfeitada ainda, toda enfeitada de luz, virada numa estrela. É a Beta do Centauro” (ANDRADE, 1981 p. 22). Durante um longo tempo, Macunaíma fica desesperado por ter perdido à esposa que tanto amava, mas se recupera e inicia uma nova viagem.

No caminho, busca ajudar uma cunha e nessa luta perde a Muiraquitã que o faz empreitar uma nova aventura em busca da recuperação da Muiraquitã - o objeto que lembrava a “marvada” que ele tanto amou. Podemos perceber que há um fetichismo no objeto mágico. Sobre isso, afirma Sigmund Freud (1980, p. 94) que fetichismo “resulta de casos em que o objeto sexual normal é substituído por outro que guarda certa relação com ele, mas que é totalmente impróprio para servir ao alvo sexual normal”.

Para recuperar seu objeto, Macunaíma vai para a cidade grande e lá inicia uma guerra contra Vescelau Pietro Pietra, fazendo surgir, assim, novas aventuras.

Macunaíma tem vários casos com as “cunhas” da cidade grande, mas percebe um grande estranhamento entre o comportamento das “cunhas” da cidade e as “cunhas” do Mato-Virgem. E seu velho hábito de conquistar as mulheres do irmão Jiguê retorna, agora é a vez da Suzi, a “piolhenta do Jiguê”, mulher com quem Macunaíma tem uma aventura singular na cidade grande:

[...] Quando Suzi se vestia pra ir na feira, assobiava o fox-trote da moda pro namorado ir também. O namorado era Macunaíma, ia. A companheira de Jiguê saía e Macunaíma saía atrás. Andavam brincando por aí e quando chegava a hora da volta já não tinha macacheira mais na feira. Pois então Suzi disfarçando ia atrás da casa, sentava no jamichi e puxava uma porção de macacheira de dentro do maissó. Todos comiam muito bem, só Maanape resmungava (...). No outro dia ela foi na feira e assobiou o fox-trote da moda. Macunaíma saiu atrás. Jiguê era muito valente. Pegou numa mirassanga enorme e foi devagarinho atrás deles. Procurou procurou e encontrou Suzi com Macunaíma de mãos dadas no Jardim da Luz. Já estavam se rindo um pro outro. Jiguê desceu a mirassanga nos dois, levou a companheira pra pensão e deixou o mano fadigado na beira da lagoa entre cisnes (ANDRADE, 1981 p. 95-96).

Como podemos ver nestes fragmentos, ao descobrir a nova traição, o mano Jiguê dá outra sova em Macunaíma, mais uma vez o instinto agressivo do mano aparece. Também podemos inferir que Jiguê funciona como castrador dos excessos sexuais de Macunaíma.

2. 1. O declínio da vida sexual de Macunaíma: do luto a melancolia

Depois de reconquistar a Muiraquitã, vencendo os inimigos da cidade grande, Macunaíma volta ao lugar de origem. Porém, sente a diferença ao perceber que já não era o mesmo lugar de outrora e sentiu saudade das mulheres com quem teve suas brincadeiras sexuais.

[...] Quanta sacanagem feliz quanta cunha bonita e quanta cachiri M!... Então Macunaíma teve saudades do sucesso na taba grande paulistana. Viu todas aquelas donas de pele alvinha com quem brincava de marido e mulher, foi tão bom!... Sussurrou docemente: “Mani! Mani! filhinhas da mandioca!”... Deu um tremor comovido no beijo dele que quase a muiraquitã cai no rio. Macunaíma tornou a enfiar o tembetá no beijo. Então pensou muito sério na dona da muiraquitã, na briguenta, na diaba gostosa que batera tanto nele, Ci, Ah! Ci, Mãe do Mato, marvada que tornara-se inesquecível porque fizera ele dormir na rede tecida com os cabelos dela!... “Quem tem seus amores longe, passa trabalhos trianos...” parafusou. Que sardade da marvada!... E estava lá no campo do céu banzando nus trinques toda enfeitada passeando brincando quem sabe com quem... Teve ciúmes. (ANDRADE, 1981 p. 109).

Neste fragmento, podemos perceber que sem as brincadeiras das cunhas, Macunaíma demonstra a saudade que sente de Ci e entra em um estado de luto em relação às aventuras amorosas e a esposa perdida. Podemos entender que “o luto é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (FREUD, 1980, p. 142). Porém, neste momento, mais uma vez os sentidos do herói são atraídos por uma imagem de mulher, e sua saudade se esvai. Uma vez que um novo objeto belo conquista o desejo libidinal do mesmo. Sobre isso segue o fragmento abaixo:

Macunaíma depôs com delicadeza os legornes na praia e se chegou pra água. A lagoa estava toda coberta de ouro e prata e descobriu o rosto deixando ver o que tinha no fundo. E Macunaíma enxergou lá no fundo uma cunha lindíssima, alvinha e padeceu de mais vontade. E a cunha lindíssima era a Uiara. Vinha chegando assim como quem não quer, com muitas danças, piscava pro herói, parecia que dizia - “Cai fora sei nhonhô moço!” e fastava com muitas danças assim como quem não quer. Deu uma vontade no herói tão imensa que alargou o corpo dele e a boca umideceu: - Mani!... Macunaíma queria a dona. Botava o dedão na água e num átimo a lagoa tornava a cobrir o rosto com as teias de ouro e prata. Macunaíma sentia o frio da água, retirava o dedão (ANDRADE, 1981 p. 129).

Macunaíma sentia o corpo de desejo estremecer com a imagem da “cunha”, mas devido ao frio excessivo da água, regredia. Porém, Vei - a Sol – há muito tempo queria castigar o herói por ter traído e dispensado uma de suas filhas. Então, por isso, a Sol empurrou o herói para ser devorado pela bela jovem que estava na água, que na verdade era o terrível monstro Urarau. Neste momento, Macunaíma é castigado pelos seus excessos sexuais ao ser jogado nos braços do mostro sedutor que prende justamente por artifícios sexuais. Neste momento, pode-se entender Vei como assumindo o papel da repressão contra os excessos sexuais do herói, repressão que tem como função controlar os excessos da libido humana.

Foi assim muitas vezes. Se aproximando o pino do dia e Vei estava zangadíssima. Torcia pra Macunaíma cair nos braços traiçoeiros da moça do lagoão e o herói tinha medo do frio. Vei sabia que a moça não era moça não, era a Uiara. E a Uiara vinha chegando outra vez com muitas danças. Que boniteza que ela era!... Morena e coradinha que-nem a cara do dia e feito o dia que vive cercado de noite, ela enrolava a cara nos cabelos curtos negros como as asas da graúna. Tinha no perfil duro um narizinho tão mimoso que nem servia pra respirar. Porém como ela era só se mostrava de frente e fastava sem virar Macunaíma não via o buraco no cangote por onde a pérfida respirava. E o herói indeciso, vai-não-vai. Sol teve raiva. Pegou num rabo-de-tatu de calorão e guascou o lombo do herói. A dona ali, diz-que abrindo os braços mostrando a graça fechando os olhos molenga. Macunaíma sentiu fogo no espinhaço,

estremeceu, fez pontaria, se jogou feito em cima dela, juque! Vei chorou de vitória. As lágrimas caíram na lagoa num chuveiro de ouro e de ouro. Era o pino do dia (ANDRADE, 1981 p. 130).

Na briga com a Uiara, Macunaíma perdeu alguns tesouros adquiridos nos dias em que esteve na cidade grande, mas os tesouros mais sentidos foram os que obtêm simbologia sexual como: os cocos-da-Bahia (que substituíam os testículos) que simbolizam a fertilidade; as pernas que lhe davam mobilidade de viajar e encontrar “cunhas”; os dedões que em algumas culturas é um símbolo de sensualidade como foi defendido por Freud e, principalmente, a Muiraquitã que é o objeto que carregava toda a lembrança de Ci. Podemos ver isto no fragmento a seguir:

Quando Macunaíma voltou na praia se percebia que brigava muito lá no fundo. Ficou de bruços um tempão com a vida dependurada nos respiros fadigados, estava sagrando com mordidas pelo corpo todo, sem perna direita, sem os dedões sem os cocos-da-Bahia sem orelhas sem nariz sem nenhum dos seus tesouros (...). Macunaíma sentou numa lapa que já fora jaboti nos tempos de dantes e andou contando os tesouros perdidos em baixo d'água. E eram muitos, era uma perna de dedões, eram os cocos-da-Bahia, eram as orelhas os dois brincos feitos com a máquina patek e a máquina Smith-wesson, o nariz, todos esses tesouros... O herói pulou dando um grito que encurtou o dia. As piranhas tinham comido também o beijo dele e a muiraquitã! Ficou louco (ANDRADE, 1981 p. 130).

Para reaver seus tesouros o herói:

Arrancou uma montanha de timbó de assacu de tingui e cunambi, todas essas plantas e envenenou pra sempre o lagoão. Todos os peixes morreram e ficaram boiando com a barriga pra cima, barrigas azuis barrigas amarelas barrigas rosadas, todas as barrigas sarapintando a face da lagoa. Era de-tardinha (...). Então Macunaíma destripou todos esses peixes, todas as piranhas e todos os botos, caqueando a muiraquitã nas barrigas. Foi uma sangueira mãe escorrendo sobre a terra e tudo ficou tinto de sangue. Era a boca-da-noite (...). Achou os dois brincos achou os dedões as orelhas os nuquiiris o nariz, todos esses tesouros e prendeu todos nos lugares deles com sapé e cola de peixe. Porém a perna e a muiraquitã não achou não. Tinham sido engolidos pelo Mostro Urarau que não morre com timbó nem pau. O sangue coalhava negro cobrindo a praia e o lagoão. E era de-noite (ANDRADE, 1981 p. 130-131).

Mesmo tendo achado alguns de seus tesouros, o mais importante Macunaíma não encontrou, a Muiraquitã, símbolo de sua amada Ci. Por causa disso, Macunaíma entra em um estado de profunda melancolia e acaba se entregando à morte. Sem as pernas para viajar em busca de “cunhas” para brincar e sem a Muiraquitã que lembrava Ci a vida perdeu o sentido para o herói, por isso, decide ir para o Céu, entregar-se ao que poderíamos chamar de um estado de pura ausência de emoção e vida, tornar-se

“uma estrela inútil”. Assim, podemos inferir que Macunaíma acaba sendo consumido por um sentimento de melancolia:

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição de sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar em auto-recriminação e auto-envelhecimento numa expectativa delirante de punição (FREUD, p. 143).

Sem seus tesouros Macunaíma conclui:

[...] não achava mais graça na terra... Tudo que fui fora a existência dele apesar de tantos casos tanta brincadeira tanta ilusão tanto sofrimento tanto heroísmo, afinal não fora senão um se deixar viver; e pra parar na cidade de Delmiro ou na ilha do Marajó que são desta terra carecia de ter um sentido. E ele não tinha coragem pra uma organização (ANDRADE, 1981, p.31).

Macunaíma praticamente sucumbe a sua melancolia e se entrega a morte tal qual um suicida, decidindo antes a morte do que viver sem seu objeto amado e sem as possibilidades de saciar seus desejos sexuais. Como conclui o herói: “NÃO VIM AO MUNDO PARA SER PEDRA” (ANDRADE, 1981, p. 131).

Considerações Finais

Antoine de Compagnon (2012), em seu livro *Literatura para que?*, argumenta sobre o poder que a literatura tem de fazer pensar e repensar a condição humana, através da estrutura da narrativa, que nos permite ver a nós mesmos, aos outros e o mundo sem sair do lugar. Seguindo esta linha argumentativa, quando lemos a história de Macunaíma, o que aprendemos em relação à sexualidade da personagem? E em que esta pode servir de espelho para analisarmos nosso imaginário sexual? Primeiro, por meio de Macunaíma, podemos ver as idiossincrasias da sexualidade subjetiva da personagem que é preguiçosa, lasciva e devassa e só não se deixa levar de forma grotesca, porque há uma castração social que torna as relações entre indivíduos palatáveis e possíveis. Entendemos que Macunaíma é um arquétipo e que ele nos representa sim enquanto instinto que nos move para o prazer, mesmo que seja de forma inconsciente.

Segundo, por meio de Macunaíma, percebemos o poder da libido como força criadora que impele a vida e a criação. Por amor ao desejo e posteriormente a Ci, a mãe

do mato, Macunaíma busca lugares desconhecidos, enfrenta obstáculos gigantescos e busca superar suas fraquezas.

Por último, vemos que a falta de amor ou da possibilidade do acesso ao ser amado, torna inviável o saciar da libido que impele a morte. O ser humano perde o sentido da existência e acaba entrando em um processo de melancolia que desemboca no desespero existencial. Em linhas gerais, o homem biologicamente e antropológicamente é um ser para relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. A possibilidade de prazer libidinal é algo tão prazeroso e primordial como a necessidade básica de saciar a fome. O problema é que quando colocamos nosso desejo em primeiro lugar, denegrindo o outro, acabamos ficando sozinhos, tendo a morte como saída mais agradável para o niilismo libidinal. É necessário entender que devemos cultivar nossa libido, mas cuidando da libido do outro, posto que o prazer só é possível na relação de um eu com um tu, ou de um eu com todos os outros, no caso de Macunaíma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. São Paulo, Martins, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; 1981.

COMPAGNION, Antoine. **Literatura para que?** Tradução de Laura Taddel Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1901-1905)**. Tradução de José Octávio Aguiar Abreu. In: Obras completas. Ed. Standart Brasileiro. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. **O desenvolvimento da sexualidade**. Tradução de José Octávio Aguiar Abreu. In: Obras completas. Ed. Standart Brasileiro. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. **Luto e melancolia**. Tradução de José Octávio Aguiar Abreu. In: Obras completas. Ed. Standart Brasileiro. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. Tradução de José Octávio Aguiar Abreu. In: Obras completas. Ed. Standart Brasileiro. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. **Totem e tabu e outro trabalhos (1913-1914)**. Tradução de José Octávio Aguiar Abreu. In: Obras completas. Ed. Standart Brasileiro. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. **O futuro de uma ilusão, O mal estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Tradução de José Octávio Aguiar Abreu. In: Obras completas. Ed. Standart Brasileiro. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1997.